

# **Educação Em Saúde: O Uso De Tecnologias Para A Conscientização De Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)**

**Sidinei Farias**

*Universidade Do Vale Do Taquari-UNIVATES*

**Valdir Barbosa Da Silva Júnior**

*Unilogos*

**Weyber Rodrigues De Souza**

*PUC Goiás*

**Ewerton Helder Bentes De Castro**

*Universidade Federal Do Amazonas*

**Janderson Costa Meira**

*Universidade Federal Do Paraná*

**Anderson Francisco Monteiro Da Silva**

*Uninovafapi*

**Francisco Roldineli Varela Marques**

*Universidade Federal Rural Do Semi-Árido*

**Thayse Soares Spíndola Araújo**

*Centro Universitário Uninovafapi*

**Sabrina Maria Carreiro Almeida**

*Universidade Federal Do Ceará*

**Jessica Sabrinne Araújo Amaral Oliveira**

*Faculdade Iguaçu*

**Cleidiane Pereira Santos Aguiar**

*Faculdade de Ciências Sociais de Marabá*

---

## **Resumo:**

*A pesquisa teve como objetivo explorar o uso de tecnologias na conscientização sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), destacando sua importância para a saúde pública. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que incluiu levantamento de dados em plataformas como SciELO, Scopus e Google Acadêmico, além de repositórios brasileiros, utilizando técnicas de leitura flutuante para otimizar a coleta de informações. Os resultados mostraram que as tecnologias digitais, como aplicativos, redes sociais e telemedicina, desempenham um papel fundamental na disseminação de informações sobre ISTs, facilitando o acesso a serviços de saúde e engajando especialmente o público jovem. A análise revelou que, apesar dos avanços, ainda existem desafios significativos, como o estigma e a resistência a algumas abordagens. A conclusão aponta que a integração contínua das tecnologias com políticas públicas de educação em saúde é essencial para promover uma cultura de responsabilidade sexual e reduzir a incidência de ISTs, enfatizando a necessidade de um compromisso coletivo para um futuro mais saudável.*

**Palavras-chave:** *Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's); Tecnologias; Saúde.*

---

Date of Submission: 01-10-2024

Date of Acceptance: 10-10-2024

---

## I. Introdução

A crescente incidência de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) em todo o mundo tem gerado preocupações significativas de saúde pública. Com a evolução das relações sociais e o aumento da liberdade sexual, as ISTs tornaram-se um desafio complexo que demanda não apenas tratamento, mas também estratégias eficazes de prevenção e conscientização. Nesse contexto, a tecnologia surge como uma aliada poderosa, capaz de transformar a maneira como informações sobre saúde sexual são disseminadas e absorvidas pela população (Cavalcante et al., 2016).

Nos últimos anos, a digitalização e o acesso à internet revolucionaram a comunicação, permitindo que campanhas de conscientização alcancem um público mais amplo e diversificado. Plataformas digitais, como redes sociais, aplicativos de mensagens e sites informativos, têm o potencial de disseminar informações sobre ISTs de forma rápida e acessível. Isso é particularmente relevante para os jovens, que são mais propensos a buscar informações online do que em fontes tradicionais, como consultas médicas ou instituições de saúde (Ferraz; Martins, 2014).

Além disso, as tecnologias interativas, como jogos educativos e vídeos informativos, podem engajar os usuários de maneira mais efetiva, estimulando a aprendizagem e a retenção de informações. Ao apresentar dados sobre as ISTs de forma lúdica e atrativa, essas ferramentas podem desmistificar tabus e incentivar comportamentos preventivos. A gamificação, por exemplo, transforma a educação em saúde em uma experiência envolvente, promovendo um aprendizado ativo e duradouro (Moreira et al., 2015).

A telemedicina também tem ganhado destaque na prevenção e no tratamento de ISTs, permitindo que os indivíduos busquem orientação e testes de forma discreta e conveniente. Com a possibilidade de consultas online e a entrega de medicamentos em domicílio, a tecnologia quebra barreiras de acesso e oferece um espaço seguro para discussões sobre saúde sexual. Isso é especialmente importante em regiões onde o estigma em torno das ISTs pode impedir que pessoas busquem ajuda (Siqueira et al., 2015).

Assim, o objetivo desta pesquisa foi analisar as contribuições das tecnologias para a prevenção de ISTs.

## II. Materiais E Métodos

A realização da pesquisa sobre o uso de tecnologias para a conscientização de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) foi fundamentada em uma pesquisa bibliográfica. Esse tipo de pesquisa consiste na análise e interpretação de obras já publicadas, como artigos, livros e teses, a fim de construir um conhecimento mais sólido sobre um determinado tema. A escolha pela pesquisa bibliográfica se deu pela necessidade de explorar um amplo espectro de informações disponíveis, permitindo uma compreensão aprofundada dos diversos aspectos relacionados ao uso de tecnologias na saúde.

Durante o processo, foi realizado um levantamento de dados em plataformas renomadas, como SciELO, Scopus e Google Acadêmico, além de repositórios brasileiros especializados. Essas bases de dados foram selecionadas devido à sua credibilidade e à qualidade dos materiais que oferecem, o que contribui para a robustez da pesquisa. A busca nessas plataformas envolveu a utilização de palavras-chave específicas relacionadas ao tema, garantindo uma coleta de informações relevante e atualizada. As leituras flutuantes, uma técnica que consiste em revisar rapidamente textos para identificar informações pertinentes, foram empregadas para otimizar o tempo e o foco na busca por dados relevantes. Essa abordagem permitiu a identificação de conteúdos-chave que pudessem enriquecer a análise.

Após a coleta, foi realizada uma análise crítica dos materiais selecionados, levando em consideração a relevância e a aplicação das informações no contexto da conscientização sobre ISTs. As análises realizadas possibilitaram a identificação de tendências, desafios e estratégias eficazes no uso de tecnologias digitais para a educação e prevenção em saúde sexual. Esse processo detalhado de pesquisa e análise contribuiu significativamente para a construção de um panorama abrangente sobre como as tecnologias estão sendo utilizadas para melhorar a conscientização sobre ISTs, evidenciando a importância desse tema na atualidade.

## III. Resultados E Discussões

### **Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's): um panorama histórico**

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) têm uma longa história que remonta a séculos, refletindo mudanças sociais, culturais e médicas. No passado, doenças como sífilis e gonorreia eram comuns, sendo frequentemente associadas a comportamentos considerados imorais. A sífilis, por exemplo, foi

amplamente registrada na Europa no final do século XV, muitas vezes ligada ao movimento das tropas durante as guerras, o que facilitou sua disseminação (Andrade et al., 2018).

Com o avanço da medicina no século XIX, o entendimento das ISTs começou a evoluir. A descoberta do agente causador da gonorreia por Albert Neisser em 1879 e a identificação do *Treponema pallidum* como causador da sífilis por Paul Ehrlich em 1905 foram marcos significativos. Essas descobertas ajudaram a desmistificar as doenças, permitindo que estratégias de tratamento mais eficazes fossem desenvolvidas (Cavalcante et al., 2016).

O século XX trouxe mudanças drásticas na percepção e no tratamento das ISTs. Com a introdução dos antibióticos na década de 1940, a gonorreia e a sífilis puderam ser tratadas com maior eficácia, reduzindo suas taxas de incidência em muitos países. Entretanto, a revolução sexual dos anos 1960 e 1970, que promoveu a liberdade sexual, também trouxe um aumento nas taxas de infecções, revelando a necessidade urgente de educação em saúde sexual (Ferraz; Martins, 2014).

Na década de 1980, a epidemia de AIDS se tornou um ponto de inflexão na história das ISTs. O HIV não apenas afetou a saúde global, mas também alterou a abordagem em relação à educação e à prevenção de ISTs. Campanhas de conscientização começaram a enfatizar a importância do uso de preservativos e da realização de testes regulares, refletindo uma mudança significativa nas atitudes sociais em relação à saúde sexual (Moreira et al., 2015).

Hoje, o panorama das ISTs é caracterizado por uma combinação de desafios e avanços. Embora muitos tipos de ISTs possam ser tratados e prevenidos, o surgimento de cepas resistentes a antibióticos e a estigmatização persistente ainda representam barreiras à saúde pública. A crescente utilização de tecnologias e a ênfase na educação sexual são passos importantes para enfrentar essas questões, permitindo que mais pessoas acessem informações e serviços de saúde, ajudando a moldar um futuro mais saudável (Ricci et al., 2019).

### **Principais Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's)**

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) são causadas por patógenos que podem ser transmitidos de uma pessoa para outra durante a relação sexual. As principais ISTs incluem: HIV/AIDS, sífilis, gonorreia, clamídia, herpes genital, HPV (papilomavírus humanos) e hepatites B e C.

#### **HIV/AIDS**

O HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) é um retrovírus que ataca o sistema imunológico, comprometendo especialmente as células T CD4+, fundamentais para a defesa do organismo contra infecções e doenças. A infecção pelo HIV pode evoluir para a AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), a fase mais avançada da infecção, caracterizada pela ocorrência de infecções oportunistas e alguns tipos de câncer, devido à degradação severa do sistema imunológico (Andrade et al., 2018).

A transmissão do HIV ocorre principalmente através do contato com fluidos corporais de uma pessoa infectada, como sangue, sêmen, fluidos vaginais e leite materno. As formas mais comuns de transmissão incluem relações sexuais desprotegidas, compartilhamento de agulhas, transfusões de sangue contaminado e a transmissão da mãe para o filho durante a gestação, parto ou amamentação. A prevenção é fundamental e pode ser realizada por meio do uso de preservativos, da profilaxia pré-exposição (PrEP) e da profilaxia pós-exposição (PEP) (Moreira et al., 2015; Reis et al., 2018).

Os sintomas da infecção pelo HIV podem variar, e muitos indivíduos não apresentam sinais nos primeiros anos. No entanto, nos estágios iniciais, algumas pessoas podem sofrer de sintomas semelhantes aos da gripe, como febre, dor de cabeça e fadiga. Com o tempo, se não tratada, a infecção pode levar a uma queda significativa na contagem de células T CD4+, aumentando a vulnerabilidade a infecções graves. O diagnóstico do HIV é feito através de testes laboratoriais, que podem detectar a presença do vírus ou anticorpos específicos (Cavalcante et al., 2016).

O tratamento consiste em antirretrovirais, que permitem controlar a replicação do vírus, mantendo a carga viral indetectável e a contagem de células T CD4+ em níveis saudáveis. Quando o tratamento é seguido corretamente, as pessoas vivendo com HIV podem ter uma expectativa de vida semelhante à da população geral. A luta contra o HIV/AIDS também envolve aspectos sociais e educacionais, visando combater o estigma e a discriminação enfrentados por pessoas afetadas. A conscientização e a educação sobre a prevenção, testes regulares e tratamento são essenciais para reduzir a incidência do HIV e melhorar a qualidade de vida daqueles que vivem com a infecção (Ricci et al., 2019).

#### **Sífilis**

A sífilis é uma infecção bacteriana causada pelo *Treponema pallidum*, que se transmite principalmente por meio de relações sexuais desprotegidas. A infecção evolui em estágios, começando com uma fase primária caracterizada pela aparição de uma ou mais feridas indolores, conhecidas como cancro duro, no local da infecção. Se não tratada, a sífilis pode progredir para a fase secundária, onde podem surgir erupções cutâneas,

febre, dor de garganta e linfonodos inchados. Se a infecção continuar sem tratamento, pode entrar em uma fase latente, onde não há sintomas visíveis, mas a bactéria permanece no corpo (Schneider et al., 2017).

A fase terciária, que pode ocorrer anos após a infecção inicial, pode levar a complicações graves, afetando órgãos como coração, cérebro e sistema nervoso, resultando em condições potencialmente fatais, como a sífilis cardiovascular e neurosífilis. O diagnóstico da sífilis é realizado através de testes sorológicos que detectam anticorpos contra a bactéria (Silva; Jacob, 2015).

O tratamento é geralmente eficaz e consiste na administração de antibióticos, sendo a penicilina o medicamento mais comum. O tratamento precoce é fundamental para evitar complicações graves e a transmissão da doença. Além disso, a conscientização e a educação em saúde são essenciais para a prevenção da sífilis. O uso de preservativos, a realização de testes regulares e a busca por tratamento para parceiros sexuais são medidas eficazes para controlar a disseminação dessa infecção. O combate ao estigma associado à sífilis também é crucial para encorajar mais pessoas a buscar diagnóstico e tratamento (Andrade et al., 2018).

### **Gonorreia**

A gonorreia é uma infecção sexualmente transmissível causada pela bactéria *Neisseria gonorrhoeae*. Ela afeta principalmente as mucosas genitais, mas também pode infectar a garganta e o reto. Os sintomas podem incluir dor ao urinar, secreção anormal e dor abdominal, mas muitas pessoas não apresentam sinais, o que pode dificultar o diagnóstico precoce. A transmissão ocorre principalmente por meio de relações sexuais desprotegidas, e a infecção pode ser adquirida tanto por homens quanto por mulheres. Se não tratada, a gonorreia pode levar a complicações sérias, como doença inflamatória pélvica em mulheres, que pode causar infertilidade, e epididimite em homens (Silva; Jacob, 2015).

O diagnóstico é feito através de exames laboratoriais, que podem incluir testes de urina ou swabs das áreas afetadas. O tratamento geralmente envolve antibióticos, embora a resistência a medicamentos tenha se tornado um problema crescente, tornando essencial o acompanhamento médico. A prevenção da gonorreia é semelhante à de outras ISTs, com o uso de preservativos, a realização de testes regulares e a comunicação aberta com parceiros sexuais. A conscientização sobre a infecção e suas consequências é fundamental para reduzir a sua disseminação (Ataliba; Mourão, 2018).

### **Clamídia**

A clamídia é uma infecção sexualmente transmissível (IST) causada pela bactéria *Chlamydia trachomatis*. Muitas pessoas infectadas não apresentam sintomas, o que pode levar à subnotificação da doença. Quando os sintomas ocorrem, podem incluir dor ao urinar, secreção anormal e dor abdominal. Se não tratada, a clamídia pode causar complicações sérias, como doença inflamatória pélvica em mulheres e infertilidade em ambos os sexos. O diagnóstico é feito por meio de testes laboratoriais, que podem incluir exames de urina ou amostras das áreas afetadas. O tratamento é geralmente eficaz com antibióticos, sendo fundamental que os parceiros sexuais também sejam tratados para evitar reinfecções (Silva et al., 2021; Silva et al., 2015).

### **Herpes genital**

A herpes genital é uma infecção sexualmente transmissível (IST) causada principalmente pelo vírus herpes simplex (HSV), que se apresenta em duas formas: HSV-1 e HSV-2. Embora o HSV-1 seja mais frequentemente associado a herpes labial, ele também pode causar infecções genitais, enquanto o HSV-2 é o tipo mais comum relacionado a infecções nessa região (Balduino, 2018).

A transmissão da herpes genital ocorre principalmente por meio de relações sexuais desprotegidas, incluindo sexo vaginal, anal e oral. O vírus pode ser transmitido mesmo quando não há lesões visíveis, o que torna a infecção especialmente traiçoeira. Além disso, o contato direto com lesões, secreções ou pele infectada é uma das principais vias de contágio, e a transmissão da mãe para o filho durante o parto pode levar a complicações graves para o recém-nascido (Siqueira et al., 2015).

Os sintomas da herpes genital podem variar bastante, e muitas pessoas infectadas não apresentam sinais visíveis. Quando os sintomas ocorrem, eles geralmente aparecem de 2 a 12 dias após a exposição ao vírus. A fase inicial da infecção é marcada por feridas ou bolhas dolorosas na região genital, que podem se espalhar para a região anal, coxas e, em alguns casos, para a boca. Além das lesões, podem surgir sintomas sistêmicos, como febre, dor de cabeça, dor muscular e linfonodos inchados. Muitas pessoas também relatam uma sensação de queimação ou formigamento antes do aparecimento das lesões (Ataliba; Mourão, 2018).

Após o primeiro surto, o vírus permanece latente no corpo e pode se reativar em surtos recorrentes, que podem ser desencadeados por fatores como estresse, fadiga, exposição ao sol e alterações hormonais. O diagnóstico da herpes genital é realizado por meio da avaliação dos sintomas clínicos e da história médica do paciente. Em muitos casos, os médicos podem identificar a infecção apenas pela aparência das lesões (Torres et al., 2015).

Para confirmação, podem ser realizados testes laboratoriais, como cultura viral, em que um swab é coletado das lesões, ou teste PCR, que detecta o material genético do vírus em fluidos corporais. Testes sorológicos também podem ser realizados para identificar a presença de anticorpos contra o HSV, ajudando a determinar se a pessoa já foi infectada. Embora não exista cura para a herpes genital, existem tratamentos que podem ajudar a controlar os sintomas e reduzir a frequência e a gravidade dos surtos (Torres et al., 2015).

Os principais medicamentos incluem antivirais, como aciclovir, valaciclovir e famciclovir. Esses medicamentos são mais eficazes quando iniciados logo após o início dos sintomas, e o tratamento pode ser feito de forma supressiva, em que o paciente toma o medicamento diariamente para reduzir a probabilidade de surtos e a transmissão do vírus a parceiros sexuais. A prevenção da herpes genital envolve várias estratégias, incluindo o uso de preservativos, que reduzem significativamente a probabilidade de infecção, embora não eliminem completamente o risco (Silva; Jacob, 2015).

A educação e a conscientização sobre a infecção são fundamentais, assim como a realização de testes regulares e a comunicação aberta com parceiros sexuais sobre o estado de saúde. A herpes genital é uma infecção comum que pode impactar significativamente a vida sexual e emocional de quem é afetado. O estigma associado à infecção pode levar a sentimentos de vergonha e isolamento, tornando a educação e o apoio emocional fundamentais para o manejo da condição. Com tratamento adequado e medidas preventivas, as pessoas com herpes genital podem levar uma vida saudável e satisfatória (Silva; Jacob, 2015).

### **HPV (papilomavírus humano)**

O HPV (papilomavírus humano) é um grupo de mais de 200 vírus, dos quais cerca de 40 tipos podem infectar a área genital. Os tipos de HPV são classificados em duas categorias principais: de baixo risco, que podem causar verrugas genitais, e de alto risco, que estão associados a cânceres, como o câncer cervical, anal, de orofaringe e de pênis. A infecção por HPV é uma das ISTs mais comuns em todo o mundo, afetando pessoas de todas as idades. A transmissão do HPV ocorre principalmente por meio de relações sexuais, incluindo sexo vaginal, anal e oral (Ataliba; Mourão, 2018).

O vírus pode ser transmitido mesmo na ausência de sintomas ou lesões visíveis, tornando a prevenção um desafio. A maioria das infecções por HPV é assintomática e, frequentemente, o sistema imunológico elimina o vírus naturalmente em um a dois anos. No entanto, em alguns casos, o HPV pode persistir, levando a complicações graves. O diagnóstico de infecção por HPV geralmente é realizado por meio de exames de Papanicolau (Pap) para mulheres, que detectam alterações nas células cervicais (Ataliba; Mourão, 2018).

Além disso, testes específicos para HPV podem ser feitos para identificar tipos de alto risco. Em homens, não existem testes de rotina para HPV, mas verrugas genitais podem ser diagnosticadas visualmente. A prevenção é uma parte fundamental da gestão do HPV. A vacinação é uma medida eficaz, pois as vacinas disponíveis protegem contra os tipos de HPV mais comuns que causam câncer e verrugas (Silva; Jacob, 2015).

O uso de preservativos também pode ajudar a reduzir o risco de transmissão, embora não ofereça proteção completa, uma vez que o HPV pode infectar áreas não cobertas pelo preservativo. Em termos de tratamento, não há cura para o HPV, mas as complicações associadas, como verrugas genitais e lesões precoces, podem ser tratadas. As verrugas podem ser removidas por meio de medicamentos, crioterapia ou procedimentos cirúrgicos (Silva; Jacob, 2015).

Para lesões cervicais causadas por tipos de alto risco, o monitoramento regular e, se necessário, procedimentos para remover células anormais são fundamentais. A conscientização sobre o HPV e sua prevenção é crucial para reduzir a incidência de infecções e os cânceres associados. A educação em saúde sexual, a realização de testes regulares e a vacinação são medidas essenciais para proteger a saúde e promover uma vida sexual saudável (Schneider et al., 2017).

### **Hepatite B e C**

A hepatite B é causada pelo vírus da hepatite B (HBV) e pode ser transmitida através de relações sexuais desprotegidas, compartilhamento de agulhas, transfusões de sangue contaminado e da mãe para o filho durante o parto. Os sintomas incluem fadiga, icterícia (coloração amarelada da pele e dos olhos), dor abdominal e urina escura, mas muitos indivíduos podem ser assintomáticos. A infecção pode ser aguda, onde o sistema imunológico consegue eliminar o vírus, ou crônica, onde o vírus persiste por mais de seis meses, aumentando o risco de complicações graves. A vacinação é uma das principais medidas de prevenção contra a hepatite B, e o tratamento para aqueles que desenvolvem a forma crônica envolve antivirais que ajudam a controlar a infecção e prevenir danos ao fígado (Silva; Jacob, 2015).

A hepatite C é causada pelo vírus da hepatite C (HCV) e é mais comumente transmitida pelo compartilhamento de agulhas, mas também pode ser transmitida através de relações sexuais desprotegidas e de mãe para filho, embora esta última seja menos comum. Os sintomas da hepatite C são semelhantes aos da hepatite B, mas muitos casos permanecem assintomáticos por anos, levando a um diagnóstico tardio. A infecção pode evoluir para uma forma crônica em uma proporção significativa de casos, podendo resultar em cirrose e

câncer de fígado. O tratamento para a hepatite C evoluiu significativamente, com a introdução de antivirais de ação direta que podem curar a infecção em mais de 95% dos casos. No entanto, atualmente não existe vacina para a hepatite C, o que torna a prevenção baseada em comportamentos de risco e testagem regular essencial (Schneider et al., 2017).

### **O uso de tecnologias para a conscientização de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)**

O uso de tecnologias para a conscientização sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) tem se tornado uma ferramenta essencial na promoção da saúde pública. Com a crescente prevalência dessas infecções e a necessidade de informações acessíveis, as tecnologias digitais, como aplicativos, redes sociais e plataformas de e-learning, desempenham um papel fundamental na educação, prevenção e diagnóstico (Ferraz; Martins, 2014).

As tecnologias digitais facilitam o acesso a informações precisas e atualizadas sobre ISTs. Websites, blogs e canais de YouTube dedicados à saúde sexual oferecem dados sobre sintomas, métodos de prevenção e opções de tratamento, especialmente importantes para populações jovens que frequentemente buscam informações online. Aplicativos móveis, que lembram os usuários de realizar testes ou oferecem informações sobre clínicas de saúde próximas, também são vitais na promoção da saúde sexual (Moreira et al., 2015).

As redes sociais têm se mostrado uma plataforma poderosa para campanhas de conscientização. Organizações de saúde pública e ONGs utilizam plataformas como Facebook, Instagram e Twitter para disseminar mensagens educativas e quebrar tabus sobre ISTs. Campanhas virais, com o uso de hashtags e desafios, engajam a comunidade e estimulam discussões sobre sexualidade e saúde, atingindo um público amplo e diversificado (Schneider et al., 2017).

A telemedicina revolucionou o acesso a cuidados de saúde, permitindo que indivíduos consultem profissionais remotamente, o que é especialmente útil para o diagnóstico e tratamento de ISTs, onde o estigma pode ser um obstáculo. Consultas online oferecem um ambiente mais confortável para discutir preocupações relacionadas à saúde sexual, e alguns serviços até disponibilizam testes caseiros que podem ser enviados pelo correio, aumentando a acessibilidade ao diagnóstico (Andrade et al., 2018).

Além disso, plataformas de e-learning e jogos educativos têm sido utilizados para ensinar sobre ISTs de maneira interativa. Programas que envolvem simulações de cenários e quizzes ajudam a educar os usuários sobre práticas sexuais seguras, promovendo uma compreensão mais profunda da saúde sexual. A análise de dados coletados por meio de tecnologias digitais pode informar políticas públicas e estratégias de saúde, pois pesquisas online e aplicativos que rastreiam a saúde sexual fornecem dados valiosos sobre tendências de ISTs, ajudando as autoridades de saúde a direcionar campanhas e recursos para áreas mais afetadas (Andrade et al., 2018).

Assim, o uso de tecnologias para a conscientização sobre ISTs é uma abordagem multifacetada com potencial para transformar a saúde sexual pública. Ao tornar informações acessíveis, engajar comunidades, facilitar o diagnóstico e informar políticas, essas ferramentas digitais contribuem para a redução da incidência de ISTs e promovem uma cultura de saúde e responsabilidade sexual. O futuro da conscientização sobre ISTs dependerá cada vez mais da integração dessas tecnologias no cotidiano das pessoas (Ataliba; Mourão, 2018).

### **IV. Conclusão**

A pesquisa sobre o uso de tecnologias para a conscientização de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) revela uma realidade promissora e desafiadora no campo da saúde pública. Diante da crescente incidência de ISTs e da necessidade urgente de estratégias eficazes de prevenção, as tecnologias digitais emergem como ferramentas essenciais para transformar a disseminação de informações e a educação em saúde sexual. O uso de aplicativos, redes sociais e plataformas de e-learning não apenas facilita o acesso à informação, mas também cria um ambiente mais engajador e interativo para o público, especialmente os jovens.

Os dados coletados durante a pesquisa, a partir de uma abordagem bibliográfica em plataformas como SciELO e Scopus, mostraram que as iniciativas digitais têm um impacto significativo na forma como as informações sobre ISTs são percebidas e absorvidas. A análise das campanhas de conscientização, por exemplo, ilustra como as redes sociais podem quebrar estigmas e promover diálogos abertos sobre sexualidade, incentivando comportamentos preventivos.

Além disso, a telemedicina oferece uma alternativa acessível e discreta para que as pessoas busquem cuidados, superando barreiras tradicionais que muitas vezes impedem o acesso a serviços de saúde. Apesar dos avanços, os desafios permanecem. A resistência a algumas abordagens, o estigma associado às ISTs e a necessidade de uma educação contínua ainda são obstáculos significativos. A pesquisa evidencia que, para ser realmente eficaz, a conscientização deve ser acompanhada por políticas públicas que incentivem a educação em saúde, promovendo um ambiente seguro e acolhedor para discussões sobre sexualidade.

Ademais, a integração das tecnologias no cotidiano das pessoas é crucial. O futuro da conscientização sobre ISTs depende da capacidade de unir inovação tecnológica com práticas de saúde pública, garantindo que informações precisas e acessíveis cheguem a todos os segmentos da sociedade. Com um enfoque contínuo na educação, na redução do estigma e no uso de tecnologias, é possível não apenas combater a disseminação das ISTs, mas também promover uma cultura de saúde e responsabilidade sexual.

Assim, a pesquisa reafirma a importância do uso de tecnologias na conscientização sobre ISTs, ressaltando que, para uma verdadeira transformação na saúde pública, é essencial que as ações sejam sustentadas por um compromisso coletivo de informação, educação e acessibilidade. A colaboração entre governos, instituições de saúde e a sociedade civil será fundamental para criar um futuro mais saudável e informado, onde as ISTs possam ser prevenidas e tratadas de maneira eficaz.

### **Referências**

- [1] Andrade, Ana Laura Mendes Becker Et Al . Diagnóstico Tardio De Sífilis Congênita: Uma Realidade Na Atenção À Saúde Da Mulher E Da Criança No Brasil. Rev. Paul. Pediatr., São Paulo , V. 36, N. 3, P. 376-381, Sept. 2018 .
- [2] Ataliba, Patrick; Mourão, Luciana. Avaliação De Impacto Do Programa Saúde Nas Escolas. Psicologia Escolar E Educacional, Vol. 22, Número 1, P.27-36, Janeiro/Abril, 2018.
- [3] Baldoino, Luciana Stanford. Educação Em Saúde Para Adolescentes No Contexto Escolar: Um Relato De Experiência. Rev Enferm Ufpe On Line., Recife, 12(4):1161-7, Abr., 2018.
- [4] Cavalcante, Elani Graça Ferreira Et Al. Partner Notification For Sexually Transmitted Infections And Perception Of Notified Partners. Rev. Esc. Enferm. Usp, São Paulo, V. 50, N. 3, P. 450-457, June 2016
- [5] Ferraz, Leidiléia Mesquita E Martins, Ana Cláudia Sierra. A Tução Do Enfermeiro No Diagnóstico E No Tratamento Do Herpes Genital, Na Atenção Primária À Saúde. Rev. Aps. 2014
- [6] Moreira, Wanderson Carneiro At Al. Ações Educativas Do Enfermeiro Na Promoção Da Saúde Sexual E Reprodutiva Do Adolescente. Revista Interdisciplinar, V. 8, N. 3, P. 213-220, Jul. Ago. Set. 2015.
- [7] Reis, Leonilson Neri Et Al. Programa Saúde Na Escola Como Estratégia De Promoção Da Saúde Na Atenção Básica: Uma Revisão Integrativa. Revista Uningá, [S.L.], V. 55, N. 4, P. 25-38, Dez. 2018.
- [8] Ricci, Ana Patrícia Et Al. Infecções Sexualmente Transmissíveis Na Gestaçao: Educação Em Saúde Como Estratégia De Prevenção Na Atenção Básica. Brazilian Journal Of Health Review, V. 2, N. 1, P. 565-570, Jan./Feb. 2019.
- [9] Schneider, Eduarda Maria Et Al. Pesquisas Quali-Quantitativas: Contribuições Para A Pesquisa Em Ensino De Ciências. Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo (Sp), V.5, N.9, P. 569584, Dez. 2017
- [10] Silva, André Teixeira Da; Jacob, Maria Helena Vianna Metello; Hirdes, Alice. Conhecimento De Adolescentes Do Ensino Médio Sobre Dst/Aids No Sul Do Brasil. Aetheia. Canoas , N. 46, P. 34-49, Abr. 2015
- [11] Silva, D. L. Et Al. Estratégias De Prevenção A Ist Realizadas Por Enfermeiros Na Atenção Primaria A Saúde: Uma Revisão Integrativa / Sti Prevention Strategies Carried Out By Nurses In Primary Health Care: An Integrative Review. Brazilian Journal Of Health Review, [S. L.], V. 4, N. 2, P. 4028-4044, 2021.
- [12] Silva, Ítalo Rodolfo Et Al . Percepções De Enfermeiros Acerca Das Vulnerabilidades Para Dst/Aids Diante Das Conexões Do Processo De Adolescer. Rev. Gaúcha Enferm., Porto Alegre , V. 36, N. 3, P. 72-78, Set. 2015.
- [13] Siqueira, M.C.F., Et Al. Banco De Termos Para A Prática De Enfermagem Com Mulheres Idosas Com Hiv/Aids. Revista Gaúcha De Enfermagem, V. 36, N.1, P.28-34, Março, 2015.
- [14] Torres, Raimundo Augusto Martins Ata Al. Comunicação Em Saúde: Uso De Uma Web Rádio Com Escolares. J. Health Inform. 2015